

## ENTREVISTA COM: AYRTON PORTILHO BUENO



*Que caminhos percorreu até chegar ao desenvolvimento de pesquisas com a morfologia, paisagem e planejamento urbano?*

As oportunidades que se apresentaram para mim ao final dos anos 1970 e início dos anos 1980 foram interessantes e consequência do contexto da época. Tendo me formado na Faculdade de Arquitetura da UFRGS em 1980, uma escola onde as questões de Urbanismo eram tratadas em um Departamento separado do de Arquiteturas, fui fortemente influenciado, ainda, pela tradição modernista centrada no projeto de edificação. Falo ainda, pois há algum tempo já acontecia, em países da Europa e na América do Norte, uma revisão desses preceitos. Questões não superadas pelo ideário modernista, como a aposta na autonomia do edifício em relação a aspectos relacionados ao espaço urbano, ao ambiente e a universalidade dos modelos, eram questionamentos comuns naquele tempo entre estudantes, o que somados ao o acesso às publicações internacionais que chegavam à Biblioteca nos levava a um desconforto com os ensinamentos dos mestres, mesmo que reconhecendo a qualidade do corpo docente. Claro que o pós-modernismo era uma alternativa a ser considerada, pelo reconhecimento

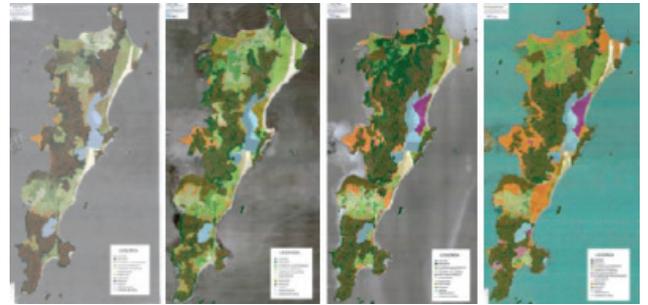
do contexto, urbano, ambiental e cultural, na projeção do edifício, e especialmente pela possibilidade de escalas de trabalho que envolvem a arquitetura e o urbanismo, colocadas pelo Desenho Urbano. Alguns professores recém-chegados de formação no exterior, e destaque especialmente o Professor Carlos Eduardo Dias Comas, fomentaram essa nova compreensão da arquitetura e do urbanismo, onde aspectos morfológicos e processuais não se excluíam, pelo contrário, se complementavam. Concluída a graduação, ingressei no Curso de Especialização em Projetos Habitacionais do Programa de Pós-graduação em Arquitetura – PROPARG, daquela Instituição, onde iniciei a pesquisa acadêmica de modo mais sistemático, sob a supervisão de professores como Lúcia e o saudoso Juan Mascaró, Sílvio Abreu, Benamy Turkienicz e Gilberto Cabral entre outros. Também o trabalho profissional consolidou essa preocupação com o espaço urbano já que, como arquiteto júnior, trabalhei junto a consórcio de apoio à implantação do TRENURB, metrô de superfície da região Metropolitana de Porto Alegre, o que evidenciou questões de planejamento urbano e metropolização, ampliando o entendimento dos sistemas urbanos.

Já em Florianópolis, em meados dos anos 1980, trabalhei junto à Divisão de Urbanismo-DPE da Eletrosul, sob a coordenação dos arquitetos Ronildo Goldmeier, Nelson Saraiva da Silva e Maria Elisabeth do Rego Pereira e pude participar de equipe multidisciplinar no desenvolvimento da cidade nova de Itá, realocação da antiga que seria inundada por hidrelétrica e, obviamente, aspectos de impacto ambiental e paisagísticos estavam presentes nas discussões e práticas da equipe. Já como Professor do Departamento de Arquitetura, definitivamente a partir de 1986, disciplinas ministradas, discussões com colegas e pesquisas realizadas, o foco em questões ambientais e paisagísticas, em suas diferentes escalas, passaram a ter muita relevância. O Mestrado realizado em Brasília, na UnB, nos anos 90, sob a orientação do Professor Frederico Rosa Borges de Holanda, ratificou a abordagem do Desenho Urbano e seu relacionamento intrínseco com o Planejamento Urbano e Ambiental, o que me

permitiu um entendimento, sob um viés morfológico, dos impactos das estruturas urbanas vinculadas ao turismo residencial em Florianópolis, ainda que focado na apropriação do espaço. No início dos anos 2000 aprofundi questões relacionadas ao desenvolvimento sustentável do turismo no doutorado realizado na USP, São Paulo, sob a orientação do, também saudoso, Professor Miguel Alves Pereira. Durante esse período, realizei um doutorado sanduíche no Departamento de Urbanismo y Ordenación Territorial da ETSB-UPC, em Barcelona, sob a tutoria do Professor Joaquín Sabaté Bel, que mais tarde também foi meu colaborador no estágio pós-doutoral, onde aprofundi questões do impacto do turismo no território, especialmente aquele implantado na zona costeira. Ao longo desse tempo, as interações acadêmicas com colegas, especialmente os professores Vera H. Bins Eli, Alina Gonçalves Santiago e Almir Francisco Reis, e alunos permitiram a consolidar um modo de ver a arquitetura e o urbanismo como objeto de estudo. Ou seja, esse percurso levou ao entendimento, com uma visão sistêmica, do estreito relacionamento da arquitetura, do urbanismo com a paisagem e com aspectos ambientais, com ênfase nos desafios de sustentabilidade do território e da urbanização.

*Poderia nos dar definições para estes termos e esclarecer de que forma se relacionam com a sustentabilidade?*

Ao se tratar de paisagem e território de forma sistêmica, dos impactos ambientais dos modos de ocupação e dos meios de mitigação dos problemas decorrentes da vida humana na terra, entende-se que são diretamente relacionados com a sustentabilidade em sua concepção mais abrangente, envolvendo as dimensões ecológicas, sociais e econômicas. A morfologia, por estudar a forma que os processos paisagísticos e urbanos se plasam no espaço, passa a ser uma chave de entrada importante. Milton Santos aponta que o espaço tem estrutura, processos, funções e formas e a compreensão do espaço resulta da interação dessas dimensões, porém a forma, que parece ser somente a parte visível de processos mais profundos, sendo negligenciada por algumas linhas de pesquisa, carrega em si elementos que condicionam e influem nas demais instâncias. Configurações urbanas apresentam maior ou menor desempenho em diversas dimensões de análise do espaço e, portanto, nas questões relacionadas com a maior ou menor interação com o ambiente natural ou naturalizado e a sustentabilidade.



Mapa de análise da paisagem Ilha de Santa Catarina

*Você acredita que é possível alcançarmos a sustentabilidade nas nossas cidades? Como podemos chegar lá?*

Embora não sejam recomendáveis citações em conclusões de tese, encerro a minha com uma citação da profa. Heloísa Soares de Moura Costa que diz “... o que move tanto a ciência como a transformação social é a perseverança da utopia”. Logo, creio que a sustentabilidade é uma meta, muitas vezes parecendo inalcançável, mas entendo que é nesse sentido que devemos direcionar nossos esforços, sob o risco de assistirmos o planeta tornar-se inabitável para nós e outras espécies, situação que por vezes não parece distante. A produção de conhecimento e a conscientização da população em geral são de extrema validade nesse processo, assim como o posicionamento de governantes, sob controle da sociedade, no sentido de gerir as diversas questões envolvidas com políticas públicas coerentes e consistentes nesse sentido.

*Quais tecnologias/estratégias considera mais promissoras nesta busca pela sustentabilidade, considerando os seus temas de pesquisa?*

A partir dos conceitos, métodos e instrumentos que venho desenvolvendo nas pesquisas, estou convencido de que a visão do arquiteto e urbanista deve entender o mundo como um sistema complexo, com diversos subsistemas inter-relacionados, onde as dimensões culturais e da natureza são complementares e não excludentes. Não existem soluções simples nem alternativas únicas na busca da sustentabilidade em suas diferentes dimensões e escalas do território. A busca do conhecimento das consequências promovida pela ocupação humana do território exige diversas técnicas e estratégias metodológicas e, entre estas, a abordagem morfológica - processual tem seu espaço por permitir um entendimento reconhecível por arquitetos e urbanistas de processos não visíveis num

primeiro olhar, permitindo uma contribuição de nossa área, que tem na dimensão espacial uma especificidade, para a superação de questões de ambiente e sustentabilidade.

#### *Como imagina uma cidade sustentável?*

Em uma cidade que busque a sustentabilidade, especialmente no Brasil, o foco no equacionamento de questões socioambientais importantes como a desigualdade social, a segregação e possibilidade de acesso à moradia são fundamentais e prioritárias, pois elas impactam diretamente em aspectos ambientais e ecológicos de modo muito evidente.

Os modelos de cidades mais sustentáveis apontam para cidades menos dispersas e mais concentradas, com grande diversidade de pessoas e oportunidades, em espaços urbanos de qualidade. Esses modelos devem ser abertos, como na definição de Sennet em seu recente livro *Construir e Habitar* (2018), no sentido de que o planejamento determinista, fechado, completo e sem possibilidades de alterações de curso em função do próprio desempenho e de oportunidades que surgem na vida urbana, tem demonstrado não serem suficientes para o enfrentamento dos desafios colocados pela evolução da humanidade. Questões de melhorias na mobilidade e no transporte público, de incremento de áreas verdes e de reciclagem de resíduos sólidos, economia circular, cidadania e educação são extremamente importantes nessa busca da sustentabilidade.

Também é necessário que essas cidades incorporem as melhores práticas de projetos e de gestão compartilhadas com tecnologias contemporâneas de conectividade, transparência e acesso a dados, além da implantação de infraestruturas verdes. A adoção adequada de tecnologias disponibilizadas em smart cities nem sempre garantem processo mais democráticos de acesso às vantagens anunciadas. As propostas de cidades mais abertas a adequações de rumo, com processos participativos e colaborativos, com planejamento a partir de consórcios em diferentes instâncias de ordenação do território parecem ser a alternativa eticamente mais adequada à contemporaneidade. No Brasil, em que a municipalização de muitas decisões muitas vezes é um entrave ao trato sistêmico do território, acredito que consórcios de planejamento e gestão territorial, em níveis federais, estaduais, municipais e locais de determinadas unidades paisagísticas, porém

sem promover o retorno a poderes centralizados, contribuem fortemente para maior sustentabilidade.

*O professor/pesquisador participou e orientou diversas pesquisas em sua área. Fale um pouco sobre aquelas que considera de maior impacto e como contribuem na discussão de modelos mais sustentáveis para nossas cidades.*

As pesquisas mais promissoras foram aquelas que trouxeram e trazem à discussão a necessidade de entendimento do território como um sistema e veem a cidade como um fenômeno sócio ecológico, entendendo que o urbano está inserido em uma matriz ambiental maior e é dela dependente. As nossas pesquisas com essa abordagem morfológica processual permite uma visão crítica dos modos de crescimento urbano, e destaco aqui o caso dos desenvolvimentos turísticos que vão levando à ocupação intensa de enormes áreas costeiras, ora extremamente verticalizadas ora dispersas no território, ao desequilíbrio ambiental com alto custo social e econômico. A incorporação desses conceitos no planejamento e gestão pode contribuir e muito para o estabelecimento de estratégias e até mesmo de modelos que permitam melhor relacionamento entre homem e ambiente, entre cultura e natureza. Também a prestação de consultorias a entidades preocupadas com o turismo e seu desenvolvimento no Estado de Santa Catarina reafirmaram que o retorno da universidade pública à sociedade é um dos nossos compromissos.

*Neste ciclo da sustentabilidade, quais seriam os principais desafios para as cidades brasileiras?*

Os desafios para as cidades brasileiras nesse século ainda trazem questões do século passado, início do processo de urbanização mais intenso no Brasil. Deste modo, algumas necessitam ser superadas para, ao mesmo tempo, encararmos os desafios colocados pelo presente. Primeiramente, é fundamental promover a igualdade social, econômica e cultural – a desigualdade socioambiental promove degradação ambiental, numa perspectiva de governança democrática e inclusiva. Promover o acesso à terra e à moradia – a ocupação irregular, que não é exclusividade dos grupos sociais menos favorecidos, tem impactado o ambiente, decorrente da primeiro desafio, também merece ser considerada como prioridade. Reforçar o marco institucional e de políticas públicas que integrem dimensões ambientais nas ações sociais, ecológicas e econômicas é necessário,

pois apesar da legislação moderna e avanços em diversas áreas, o Brasil ainda patina na consolidação de práticas sustentáveis.

É necessário ficar alerta para questões de âmbito global, especialmente se deixarmos para enfrentar mais adiante, como mudanças climáticas e movimentos migratórios, que impactam diretamente o território e já percebidas aqui e acolá, e deverão ser sentidas com mais intensidade no Brasil. As mudanças climáticas impactam na configuração as cidades de modo geral, seja pela afetação física de áreas litorâneas, pela alteração de regimes hídricos e pluviométricos e pela mudança da paisagem agrícola, com as devidas consequências no meio urbano. As migrações, por sua vez, impactam de diversas maneiras, mas destaco a necessidade ética de inclusão de grupos humanos deslocados de suas localidades de origem nas nossas cidades que, por sua vez, mal conseguem resolver problemas já existentes.

*Como as políticas públicas influenciam nesta busca? A seu ver, quais deveriam ser as prioridades para melhoria das condições urbanas?*

Se fizermos uma breve revisão da legislação Brasileira em aspectos relacionados ao ambiente e à sustentabilidade, percebe-se que ela não é ruim e acompanha, em muitos casos até é mais avançada, os países do mundo desenvolvido. Porém a fragilidade institucional, especialmente a compreensão por parte da sociedade, a visão de curto prazo de muitos empresários de diferentes setores econômicos (na nossa área, a incorporação imobiliária e o trade turístico são muito atuantes) e até a fiscalização da aplicação da legislação comprometem o desenvolvimento das metas preocupadas com o ambiente e de objetivos de sustentáveis.

Na visão a partir das instituições de ensino, a pesquisa é peça fundamental na busca de soluções e mitigações para as questões ambientais e da sustentabilidade. Obviamente que sem o financiamento dessas pesquisas ficaremos cada vez mais distantes de poder contribuir nesse processo. Por isso é essencial o acompanhamento de políticas públicas consistentes de apoio e fomento de investigações em todos os âmbitos da ciência.

*O que poderia deixar de mensagem aos pesquisadores desta área?*

A produção do conhecimento é essencial para a

superação dos problemas ambientais e de sustentabilidade que o mundo enfrenta atualmente. Voltando à frase da professora Heloísa Costa, sem utopia, pouco se avança nessa questão, mas sem foco e persistência, menos ainda. Desse modo, a pesquisa comprometida com a realidade social do país e do mundo, o rigor científico e ético é uma opção robusta para o enfrentamento da causa ambiental (outra forma, complementar, pode ser o ativismo socioambiental). Mantendo a curiosidade acadêmica e a perseverança na busca do conhecimento, oportunizando sua divulgação, contribuiremos de modo efetivo para a melhoria das condições socioambientais do planeta. Essa é a mensagem.

Primavera de 2020.